

A OBSERVAÇÃO *ONLINE* DE UM BEBÊ EM TEMPOS DE PANDEMIA: DO NASCIMENTO AOS 2 ANOS

The online observation of a baby in times of pandemic: from birth to 2 years

JOELZA MESQUITA ANDRADE PIRES¹

RESUMO: O método de observação de bebês, criado por Esther Bick em 1948, propõe que um observador acompanhe o desenvolvimento de um bebê em seu meio familiar do nascimento aos 2 anos. É reconhecida como uma poderosa ferramenta para a formação clínica de psicoterapeutas e psicanalistas infantis. Consiste em observações semanais, exclusivamente na forma presencial, com ênfase na relação mãe-bebê, além de avaliar o potencial terapêutico do método, baseado na função continente do observador. Em função da pandemia de covid-19, o método foi adaptado para a modalidade *online*. Diante disso, este estudo tem como objetivo mostrar a viabilidade da observação de bebês por 2 anos de forma *online*, contextualizando com a história resumida do binômio mãe-bebê, a sensorialidade e a tecnologia, agregando autores como Winnicott e outros para embasar o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Observação de bebês. Observação de bebês *online*. Psicoterapia *online*.

ABSTRACT: The method of observing babies, created by Esther Bick in 1948, proposes that an observer follow the development of a baby in its family environment from birth to two years. It is recognized as a powerful tool for the clinical training of psychotherapists and child psychoanalysts. It consists of weekly observations, exclusively in the face-to-face form, with emphasis on the mother-baby relationship, in addition to evaluating the therapeutic potential of the method, based on the continent function of the observer. Due to the pandemic of covid-19, the method was adapted to the online modality. Therefore, this study aims to show the feasibility of observing babies for 2 years online, contextualizing with the summarized history of the mother-baby binomial, sensoriality and technology, adding authors such as Winnicott and others to support the theme.

KEYWORDS: Observation of babies. Online baby watching. Online psychotherapy.

¹ Médica (UFBA). Pediatra (Associação Brasileira de Pediatria e Sociedade Brasileira de Pediatria). Mestre e Doutora (Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente – UFRGS). Terapeuta de crianças e adolescentes (CEAPIA). Especialista em Violência Doméstica Contra Crianças (USP). Membro da Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul e da Sociedade Brasileira de Pediatria. E-mail: joelzampires@gmail.com.

Introdução

A observação de bebês faz parte do Curso de Formação em Psicoterapia da Criança e do Adolescente do CEAPIA, onde se utiliza o método Esther Bick (1948), o qual preconiza a observação de bebês, de forma presencial, nos dois primeiros anos do desenvolvimento e a sua relação com a mãe, em especial, com o pai e seus familiares. É reconhecida como uma poderosa ferramenta para a formação clínica de psicoterapeutas e psicanalistas infantis. No CEAPIA, a exigência é para o primeiro ano de vida do bebê. Com o risco iminente da covid-19 e a presença da pandemia, a observação de bebês, de forma presencial, ficou comprometida, e assim surgiram vários questionamentos sobre a viabilidade de se colocar em prática um método, eminentemente presencial, em virtual.

Como observar a dupla sem a presença física do observador? Muitos questionamentos surgiram. Não seria invasivo ocupar os espaços da família, uma vez que, com o celular, o deslocamento seria livre pelos ambientes da casa? O ceticismo em relação à viabilidade das observações, de forma *online*, circulava entre os terapeutas. Por outro lado, o isolamento seguia e a necessidade de introduzir novas formas de aprendizado urgia no mundo acadêmico. Buscar ferramentas que pudessem substituir ou pelo menos chegar próximo da delicadeza exigida numa observação do bebê, foi desafiador.

Para mim, tudo ainda estava incerto, o curso recém começando, a pandemia chegando. Muitas emoções mexiam com a minha sensibilidade, muitas discussões com a supervisora. Tinha dúvidas sobre o *online*, o uso do celular e se, de fato, eu conseguiria captar toda a sensorialidade que a dupla mãe-bebê poderia me transmitir. Sensorialidade que envolveria todas as sensações corporais e que atravessaria o meu corpo de observadora, uma experiência de integração das polissensorialidades.

Oliveira-Menegotto (2010, p. 41) refere que no método Bick

O observador é orientado a participar da experiência, despoando-se, tanto quanto possível, dos seus hábitos terapêuticos e teorias que embasam o seu dia-a-dia clínico, para poder, então, tão somente observar. A palavra de ordem presente na descrição do método e seus achados por Bick é que partimos do não-saber: eu não sei e não procuro nenhuma conclusão. Nesse sentido, observar um bebê significa deixar-se impregnar por uma realidade sensível – sons, cores, atmosferas emocionais que entram em ressonância com esses mesmos aspectos do observador.

Esperar, tolerar, ter paciência diante do desconhecido e do “não saber”, é de fundamental importância. Além de o observador aprender a observar, a sentir antes de teorizar, acompanhar as mães no cuidado com seu bebê, encontrando suas próprias soluções. Pode também aprender a estar com a mente aberta, sem ideias pré-concebidas, e assim perceber a singularidade de cada relação mãe-bebê.

Faltavam referenciais na literatura para a observação de bebês de forma *online* e por isso a busca por apoio nos atendimentos psicoterápicos, que já

aconteciam pela *web*, se fez necessária; no entanto, diante de tantas incertezas, o método Bick precisava ser adaptado. Havia muita preocupação quanto à exposição precoce do bebê às telas virtuais, indo contra as recomendações da Sociedade Brasileira de Pediatria (Eisenstein et al., 2019), que contraindica o uso das telas para crianças menores de 2 anos, embora a realidade estivesse se apresentando de outra forma. Azevedo (2020) afirmou que os bebês estão se tornando especialistas na utilização das mídias digitais e se tornarão a primeira geração de nativos digitais ativos desde o nascimento.

Mallmann (2019) também referiu que o uso da mídia digital no primeiro estágio de vida do bebê estabelece hábitos e relacionamentos, servindo de base para experiências futuras. No entanto, é importante considerar o efeito que essa exposição precoce pode ter no seu desenvolvimento. Após muitas reflexões sobre o tema, optar pelo uso das telas não foi uma escolha e sim uma imposição diante do cenário da covid-19. Foi fácil optar pelas telas, tendo em vista que a televisão e o celular já faziam parte do cotidiano familiar; logo, estaríamos diante de um “novo normal”, no qual a flexibilidade naquele momento estava posta. O bebê observado já estava sendo apresentado ao mundo externo, de uma forma indireta, pela TV e pelo celular, uma vez que em todas as observações, ao longo dos 2 anos do bebê, esses instrumentos estiveram sempre presentes. Foram 60 observações, com frequência semanal e duração de 60 minutos, realizadas por videochamada na plataforma WhatsApp. Para preservar a identidade dos envolvidos, os nomes verdadeiros foram substituídos por nomes fictícios escolhidos aleatoriamente.

Este estudo tem como objetivo mostrar a viabilidade da observação de bebês de forma *online*, utilizando o método Ester Bick. Dividimos o texto trazendo a história resumida do bebê observado, recursos tecnológicos, a sensorialidade e a tecnologia, agregando Winnicott e outros autores na contextualização e discussão do texto.

1. O bebê observado

Para mim, seria a primeira vez que observaria um bebê sob uma nova posição, diversa da minha clínica pediátrica de quase 40 anos. Havia muitos sentimentos envolvidos nessa nova forma de olhar um bebê, um desafio e tanto! Tudo estava planejado para a primeira observação acontecer nos primeiros dias de março; o bebê nasceu em fevereiro de 2020. Inicialmente, a observação do bebê teria um objetivo comum, estudar a relação do bebê com a mãe e o seu mundo. Com a pandemia e a possibilidade da observação *online*, outra finalidade surgiu: estudar sua relação com o virtual e o reconhecimento dos aspectos subjetivos presentes.

O bebê era Manuel, primeiro filho de Helen, 20 anos, e terceiro filho de Antônio, 40 anos, que estava em seu terceiro relacionamento. Ela estava em licença maternidade enquanto, ele, mecânico, mantinha-se trabalhando. A fa-

mília materna apresentava extrema vulnerabilidade para a violência doméstica e para a criminalidade. Da família paterna, nada a declarar, ele não quis participar das observações, estando ausente em todas elas, dando a entender uma certa dificuldade para formar o triângulo mãe, pai e bebê. A mãe exerceu sua maternidade de forma tranquila, além das minhas expectativas, sendo uma mãe “suficientemente boa”, dando um significado positivo para as suas falhas, de acordo com o preconizado por Winnicott (1956/2000).

Manter-me continente e abstinente, não intervindo a cada súplica materna, foi um grande exercício para minha condição de pediatra que precisava dar espaço a terapeuta em formação. Meu olhar atento e confiante, em todos os momentos de insegurança materna, fez com que ela buscasse recursos próprios, que atendessem aos seus anseios. Ao longo das observações, eu fui ocupando somente o meu lugar de observadora. A transferência e a contratransferência estavam quase sempre juntas; entrar na intimidade da família, onde o binômio mãe-filho convivia com tantos riscos, foi de muito aprendizado.

Apesar do caos global diante da pandemia, a relação empática do nosso triângulo ficava cada vez mais clara, mais única, nada parecia ser mais importante. O bebê era o centro do mundo materno. Tudo girava em torno dele, ninguém mais importava, a não ser os dois que, quase sempre, se entregavam à observação *online*, enquanto eu apenas me fazia presente na tela do celular. O isolamento e o distanciamento social prevaleciam em todas as instâncias sociais. Para o bebê, o contato com o exterior, comigo e com a família extensa acontecia somente por meio das telas, estimulada pela mãe. No futuro tudo isso poderia trazer malefícios para o seu desenvolvimento, mas o momento não nos apresentava outras alternativas de comunicação, a não ser a virtual.

O triângulo (mãe, bebê e observadora) precisava sobreviver, não podia se romper, apesar do estresse iminente. Portanto, mesmo nesse cenário de estresse, repleto de restrições, manter os relacionamentos externos, ainda que virtuais, assegurando o pertencimento no grupo familiar e social, foi fundamental. Autores afirmam que essas experiências de crise são muito desafiadoras – e oferecem oportunidades para o ser humano aprender novas formas de enfrentar as adversidades e ativar processos de resiliência. Estávamos diante do caos e diante de um bebê com grande possibilidade de ser resiliente (Evans & Wachs, 2010).

Aos 4 meses do bebê, uma outra situação de estresse se apresentou: fim da licença maternidade. Helen retornou ao trabalho com muita tristeza, não queria se afastar do seu bebê. A creche, o convívio com outras crianças e o trabalho do pai a preocupava muito, pois tinha medo que fossem contaminados pelo coronavírus. Desistiu do emprego e assim pode retornar para as nossas observações e proteger de fato o seu bebê. De acordo com Shonkoff (2012a), a dupla estaria diante de um estresse tolerável, pois estava associado à pandemia, uma adversidade de alto nível com ameaça ao indivíduo, porém com a presença de mecanismos de proteção psicossocial, seja pela proteção materna, seja pelo próprio isolamento social.

No início das observações, a rotina do Manuel se resumia em mamar e dormir, passando a maior parte do tempo no colo materno, numa dependência absoluta, na qual, segundo Winnicott (1956/2000), não há separação entre corpo e meio; ainda não existe o Eu configurado; o indivíduo é completamente dependente do ambiente. Com o passar do tempo, o bebê, foi adquirindo outras habilidades, passando a interagir cada vez mais com o ambiente. Por volta dos nove meses, já engatinhando, com frequência, me derrubava, ou melhor, derrubava o celular do ponto de apoio. Às vezes tentava me socorrer, outras vezes eu ficava esperando até que a mãe viesse me acudir, porque eu havia caído! Gradativamente, o contato com a família extensa e os amigos era promovido virtualmente, e nesse “novo normal” também conheci alguns familiares.

Usei o celular para as ligações semanais e o computador para as filmagens. No celular, eram chamadas de vídeo, por meio da plataforma WhatsApp. Na primeira filmagem, fui em busca de um dispositivo que fosse apropriado para a observação; uma vez que pelo WhatsApp não seria possível filmar e observar ao mesmo tempo, optamos pelo Skype, sendo necessário que nós, eu e as observadas estivéssemos no mesmo instrumento, o computador. As filmagens de 3, 6, 9 e 12 meses foram feitas de acordo com o preconizado pelo método Bick.

As filmagens nos transportavam ao ambiente do outro, nos levando para uma outra dimensão, exercitando a minha capacidade de empatia, de continência e de sentir-se no lugar do outro. A primeira filmagem, o bebê com três meses, foi ponto de partida para o ajuste das seguintes, as quais foram um sucesso, apesar das pequenas dificuldades técnicas iniciais, mas os resultados finais foram satisfatórios para o nosso propósito. Nessa filmagem, a dupla mãe e bebê se apresentava como protagonista dessa linda história – estávamos cara a cara, dentro do computador, observados e observadora em plena filmagem.

O bebê lindo e majestoso, os olhos grandes e bem abertos, olhava para mim, interagindo como se de fato estivéssemos presentes fisicamente. Olhava de um lado ao outro, atento à câmera do computador, parecia querer entrar pela tela. Tudo fazendo parte de um novo normal, o bebê fazendo parte daquela atmosfera real. Seus lindos olhos azuis sobressaíam na tela do computador, que emoldurava a cena de forma poética.

Não pude deixar de pensar no texto “O ritmo, a musicalidade comunicativa e a lei materna na artesanaria da subjetivação humana”, de Victor Guerra (2017). Ele referiu que o binômio mãe-bebê, na formação da subjetivação do bebê, é como um poema, o ritmo que cria conjuntamente a mãe e o bebê forma parte de um prazer de ir organizando a temporalidade e as polissensorialidades do bebê, construindo, dessa forma parte da estrutura psíquica desse bebê. Foi difícil para mim manter-me abstinente com tamanha beleza. Às vezes a imagem parecia uma foto, estática, sem nenhum movimento, deixando-me confusa, a ponto de precisar olhar mais atentamente para a respiração do bebê, pois a imagem parecia congelar, congelar na minha mente e na mente da dupla.

A questão ética também atravessava os nossos princípios, pois estávamos diante de uma situação sem precedentes, impactando na decisão de seguir a observação. Havia duas opções: não observar da forma tradicional ou observar de uma outra maneira, invadindo virtualmente a privacidade das pessoas, pois a observação estaria na rede. Em supervisão, nós, alunos, de repente estávamos na sala, na cozinha, nos quartos e até nos banheiros das famílias. A rotina familiar estava aberta para interpretações diversas do observador. Por vezes, senti-me como uma estranha no ninho, quando a mãe pedia desculpas pela bagunça!

O termo de consentimento foi assinado na primeira observação, em plena pandemia, já modificado e garantindo informações virtuais mais protegidas, mais atenção com a segurança do sigilo. Como fazer disso uma observação sem pré-conceitos, sabendo que a vida das pessoas estaria exposta nas telas? Marilena Chauí (2018, p. 117) referiu que o sujeito ético é “um ser racional e consciente que sabe o que faz, um ser livre que decide e escolhe o que faz e um ser responsável que responde pelo que faz”. Caberia a mim, como observadora, saber lidar com todas as situações que se apresentariam ao longo das observações, respeitando o tempo e os espaços da dupla observada.

O nosso grande conflito estava centrado na não presença física do objeto terceiro, o observador, este sendo visto ou sentido por meio de um objeto eletrônico inanimado e sem vida, o celular. Como representar as emoções, esse abstrato sentimento, presente nas relações objetais presenciais? As emoções representadas pelos olhares, pelos ritmos, pelo movimento dos corpos, tudo se tornou importante na observação. Muita preocupação com os prejuízos provocados pelo acesso precoce do bebê ao meio virtual e menos com o fato de que a experiência poderia ser enriquecedora e positiva, um espaço novo, uma ferramenta da comunicação, do interagir, da cultura e do brincar. O isolamento estava posto com restrição total do contato físico com o exterior.

Pensei na observação do bebê como um atendimento *online* propriamente dito. A empatia que houve entre nós contemplou todos os requisitos propostos pelo método Bick, apesar de alguns estudos mostrarem oscilações na comunicação *online*, requerendo uma maior atenção do terapeuta; outros relataram dificuldades em interpretar a linguagem corporal dos pacientes nos atendimentos por videoconferência, ou de fazer contato olho no olho, estabelecendo uma relação empática (Pieta, 2014; Mitchell, Meyers, Swan-Kremeier, & Wonderlich, 2003). No nosso estudo, a observação do bebê transcorreu de forma tranquila e vincular.

2. Os recursos tecnológicos

A falta de referências para a observação *online* de bebês me fez buscar apoio em outras experiências que respaldassem o uso dessa tecnologia digital. Busquei bases na psicoterapia pela internet, tendo em vista que, segundo Pieta

e Gomes (2014), já era uma prática no Brasil, na forma de pesquisa, sendo gradativamente usada, e se intensificando com a pandemia. Na Austrália, nos Estados Unidos e no Reino Unido, a sua prática já era comum e as pesquisas atuais vêm mostrando que a psicoterapia pela internet é efetiva, viável e promissora (Proudfoot et al., 2011); logo, entendo que poderia ser possível também para a observação de bebês.

A literatura mostra que o atendimento por telefone vem desde a década de 1950 (Godleski, Nieves, Darkins, & Lehmann, 2008; Scharff, 2012), e pela internet, há mais de uma década. Havia uma preocupação com essa modalidade de atendimento, acreditando que a relação terapêutica ficaria comprometida por um empobrecimento da comunicação não verbal, pelas questões legais e éticas quanto a confidencialidade e identidade de pacientes e terapeutas, além do manejo em situações de emergência (Barak, Hen, Boniel-Nissim, & Shapira, 2008). Hoje, muitos se posicionam a favor da terapia *online*, referindo-se, sobretudo, às terapias realizadas pelo profissional por *e-mail*, *chat*, mensagem instantânea, áudio ou videoconferência, sem excluir a possibilidade de encontros presenciais, ou seja, relevante ao que me propus a fazer para observar o bebê Manuel por meio da plataforma WhatsApp.

Alguns autores falam positivamente das terapias *online*, referindo que elas envolvem uma comunicação sincrônica, ou seja, uma comunicação imediata, que acontece em tempo real, com respostas e interações imediatas, como se fosse uma conversa presencial, ou uma videochamada, ou mesmo uma ligação telefônica. Falam das vantagens, como, por exemplo, do tempo de duração entre as sessões, que pode variar de acordo com a necessidade dos envolvidos; o indivíduo pode acessá-las do ambiente em que se encontra e no momento em que sente ser adequado, além de ser um dispositivo terapêutico ecológico, adaptando-se às necessidades do sujeito (Gelso & Carter, 1985; Horvath, Del Re, Flückiger, & Symonds, 2011).

3. A sensorialidade e a tecnologia

As observações foram enriquecidas pela constante comunicação entre a dupla mãe-bebê, representadas pelo afeto, pela linguagem corporal, não verbal, pelo ritmo, que por vezes parecia uma dança, pelos gestos expressados como se fossem uma poesia, pelos olhares, pela triangulação dos nossos olhares, tudo dentro do campo da polissensoriedade, tudo sendo possível por meio de uma simples tela de celular. Foi uma experiência *online*, gratificante em todos os momentos, em especial quando o bebê estava completando quase 2 anos e ele já me incluía nas suas brincadeiras me chamando para brincar, assim que eu entrava na tela. A nossa cumplicidade chamava atenção e ao escrever o texto pensei inúmeras vezes onde focar, pois tudo era digno de nota, até minhas emoções que surgiam a cada observação, sobretudo durante a amamentação.

Vitor Guerra (2017) cita Golse (2006) quando refere que o bebê teria a oportunidade de viver uma experiência de integração das polissensorialidades que se organizam a partir do ato de amamentação, da atenção e do ritmo que estabelece com sua mãe. Cada modalidade sensorial reconhece uma organização rítmica compatível com as outras modalidades sensoriais, tudo foi importante! Tudo diverso da teoria presencial e toda sensorialidade sendo exposta virtualmente. Tudo sendo sentido antes de se fazer qualquer teoria, indo ao encontro do que foi dito por Litvin (2013): “Aprende-se a sentir antes de teorizar”, levando-me a resgatar muitas emoções da minha própria maternidade, numa contratransferência muito positiva. Observar os sentidos do bebê, por meio de uma tela fria do computador ou pelo celular, por vezes me trouxe quase que a mesma emoção surgida diante de uma bela pintura.

A modalidade *online* em nenhum momento deixou de me mostrar todos os sentidos do bebê. Muito pelo contrário, mostrava a todo tempo seu desenvolvimento emocional, a audição, a visão e a linguagem que já se mostravam presentes desde os primeiros dias de Manuel, pois ele parecia ouvir tudo e todos seguindo a origem do som. Com 4 meses, emitia constantes vocalizações e expressões faciais que correspondiam adequadamente à sua interação com o sentido da audição; logo, a escuta, o olhar, a movimentação do corpo, tudo demonstrava estar em sintonia com o universo observado à sua volta.

Em vários momentos, refleti sobre a importância da observação de bebês para a minha formação e aos poucos fui me dando conta da minha limitação. O que eu sabia era tão pouco diante do que eu estava vivenciando e aprendendo. Tudo o que eu sabia estava dentro de um contexto muito concreto e objetivo, escrito nos livros de pediatria, restrito ao desenvolvimento neurológico e motor que eu observava nas consultas de puericultura. Nas observações semanais de Manuel, esse conhecimento se integrava na formação da sua subjetivação, além dos estímulos que vinham dos dispositivos tecnológicos; tudo ficava situado entre a sua realidade interna e externa.

A preocupação com a formação da subjetividade do bebê com qualidade, integrando todos os pontos que se apresentavam naquele momento de crise, era o nosso objetivo principal, pois, de acordo com Ogden (1996, p. 55), “o sujeito não pode criar a si mesmo”; o desenvolvimento da subjetividade requer experiências de formas específicas de subjetividade. No começo, a subjetividade e a psique individual não coincidem: “o bebê é algo que não existe”. A constituição do sujeito no espaço entre mãe e bebê é mediada por eventos psicológicos-interpessoais, tais como a identificação projetiva, a preocupação materna primária, a relação especular, o relacionamento com objetos transicionais e as experiências de uso de objetos e de compaixão.

As observações foram sempre permeadas pela ludicidade da dupla, parecia uma encenação enquadrada naquela tela virtual, e tudo fazia sentido na rotina deles, era tudo verdadeiro! Os momentos, mágicos, faziam parte do dia, e aqueles 60 minutos de observação estavam cumprindo com o seu papel, de acordo

com Esther Bick: o de registrar na memória de Manuel, para o resto da sua vida, esses momentos com a mãe e comigo. Um grande benefício para a formação da sua subjetividade e personalidade, tudo fazendo parte de um novo enquadre. Aryan et al. (2015) referem que paciente e terapeuta encontram novas formas de simbolização para transmitir suas mensagens conscientes e inconscientes diante das perdas causadas pela distância. A ênfase da observação sempre foi na relação mãe-bebê, não deixando de considerar os aspectos ambientais e tudo que vinha se apresentando no decorrer das observações.

O semblante da mãe se iluminava quando ela falava, com orgulho, que o bebê dormia em seu peito (o peito que o protegia dos perigos do mundo!) e aumentava de peso a cada consulta pediátrica. Ela se sentia satisfeita e capaz em poder alimentar o seu bebê com qualidade, responsável pelo crescimento adequado dele. Mãe e filho pareciam uma só pessoa: a mãe, plenamente voltada para ele, e o filho, por sua vez, uma majestade, o bebê, sempre em evidência, ocupando o papel principal da tela do celular, agarrado ao peito materno, saciando a sua fome e sugando o leite com avidez e em livre demanda.

Uma mãe suficientemente boa e com um *holding* adequado, diria Winnicott (1956/2000), reafirmando que nessa fase do desenvolvimento do seu bebê ela não precisa aprender nada nos livros,

... ela sente que o bebê precisa apenas dos seus braços, dos seus abraços, quando colocado sobre uma superfície qualquer. Ser deixado a sós, ou mudado de posição, ou atender ao essencial constituindo a mais simples de todas as experiências, a que se baseia no contato sem atividade e que cria as condições necessárias para que se manifeste o sentimento de unidade entre duas pessoas, que de fato são duas e não apenas uma. (Winnicott, 2000, pp. 4-5)

Litvin (2013) também cita Winnicott, quando diz que as interações do bebê com a mãe confirmam ou infirmam as projeções maternas, a partir do prazer que ela sente das competências do seu bebê, desencadeando nela, quando interpreta os seus gestos, uma consonância com sua vida intrapsíquica e interpessoal, o que me fez pensar na história de vida da dupla observada. Assim, tentei entender esse espaço de interlocução e diálogo que se formou na nossa observação: eu, a mãe, o bebê, o celular e as sensações/emoções que surgiam.

Busquei um autor que transformasse em palavras toda essa comunicação e encontrei em Winnicott um parceiro, por isso ele foi citado em vários momentos deste texto, dando-me apoio para desenvolver minhas ideias. Por isso me apropriei do seu conceito de “espaço potencial” (Winnicott, 1971/1975b), fazendo uma analogia com o espaço virtual gerado pela internet, sustentando que ela pode assumir, para alguns, a função de espaço potencial e ser um lugar para o brincar, e penso que também para observar, um espaço potencial capaz de absorver tudo que se apresenta no cenário das observações com ideias positivas.

Senti-me livre para fantasiar diante das lacunas que se apresentavam e fui buscar informações no espaço potencial de Winnicott (1971/1975b), tendo em vista que ele diz que o sujeito que vive experimentalmente, não existe nem na realidade

de, nem na fantasia, mas num espaço potencial entre as duas. Para ele, o espaço potencial é o lócus de um processo que acontece no indivíduo, iniciando-se em uma área intermediária, com seus fenômenos e objetos transicionais, evoluindo para o brincar, para o brincar compartilhado e para as experiências culturais. Esse espaço potencial existe entre “o objeto subjetivo e o objeto objetivamente percebido”, entre “nada haver senão eu e a existência de objetos e fenômenos situados fora do controle onipotente” (p. 139).

Para mim, a criação desse espaço potencial foi acontecendo à medida que Manuel amadurecia, possibilitando-lhe a saída de uma posição de apenas se relacionar subjetivamente com os objetos para percebê-los como parte de uma realidade compartilhada com outras pessoas, compartilhada comigo, desenvolvendo, assim, a capacidade de usá-los. Por conta disso, nas observações finais, o bebê, com quase 2 anos, brincava comigo como se eu estivesse presente fisicamente, chamando-me de “doutola” sempre que eu surgia na tela. Winnicott (1971/1975b) afirma que uma das condições para o estabelecimento do espaço potencial é a confiança entre o paciente e o analista, pois a comunicação só se estabelece a partir de uma sobreposição de duas áreas do brincar, a do bebê e a de outra pessoa, no caso, eu como observadora.

À medida que Manuel se desenvolvia, a cada observação, o espaço potencial ia se configurando e fazendo parte da sua realidade externa. E Winnicott (1971/1975b) acrescenta que o bebê, ao nascer, ainda não consegue se diferenciar da sua mãe, ele não tem a capacidade de se distinguir dela e do mundo, não há ainda a constituição do que costumamos chamar de mundo interno e mundo externo. Existe, sim, uma fusão mãe-bebê, isto é, um eu-mundo. Portanto, no meu entendimento, a cada observação, o bebê se transformava buscando o seu “mundo interior” e a sua “realidade externa”. Segundo Winnicott, antes de chegar esse momento, de fato, o bebê se encontrará em um terceiro espaço, em uma espécie de interseção entre o mundo interno e a realidade externa: o espaço potencial, que será constituído a partir do objeto e dos fenômenos transicionais.

Considerações finais

Fecharam-se as portas, em 2020, por conta da pandemia causada pelo coronavírus. Medidas de saúde pública de isolamento e distanciamento social deram entrada para a “quarentena” que se prolongou por quase dois anos, quando chegamos ao final das 60 observações do bebê Manuel, todas feitas de forma *online*. Discutia-se a viabilidade do método, e a observação de bebês se transformava, de forma pioneira, de observação presencial do bebê para observação virtual, digital ou *online*, dando origem a um “novo normal”.

O bebê, por sua vez, andava, corria, falava muitas palavras, seguia firme desenvolvendo-se adequadamente do ponto de vista neuropsicomotor com mui-

tos recursos saudáveis, certamente originados da sua relação afetiva com a mãe, com o ambiente e com os diversos estímulos frequentemente apresentados para ele. Apesar dos contratempos vivenciados, o bebê se desenvolvia muito bem a cada observação, demonstrando responder positivamente aos investimentos maternos, contrariando as minhas expectativas, uma vez que inicialmente tive algumas ressalvas em relação à mãe, achando que a sua imaturidade, pela pouca idade, e toda a sua história pregressa de vida pudessem se contrapor à sua maternidade. Muito pelo contrário, ela mostrou-se uma mãe capaz, hábil, carinhosa, atenciosa, afetiva, acolhedora, disponível, um porto seguro para o seu bebê.

Observar o bebê Manuel foi instigante para mim, principalmente na forma *online*, que se apresentou abruptamente e temporariamente irremediável. De acordo com Marta Harris (1997), é essencial a ampliação da capacidade de observação para o desenvolvimento do psicanalista. Tal essencialidade se justifica tendo em vista que a escuta do analista precisa ser permeada por uma postura empática e não invasiva. Para que essa escuta se realize, faz-se necessário exercitar a continência dos conteúdos e as sensações que se impõem frequentemente nas observações de bebê, o que para mim foi extremamente importante.

Foi difícil finalizar as observações, mas tive que aceitar, apropriando-me das palavras do Ogden (1996, p. 45), que, por sua vez, apropriou-se das palavras de Winnicott: “me senti como um objeto transicional, uma parte do real (em oposição ao puramente psíquico), internalizado, uma ideia, uma representação mental, que perdeu sua conexão física com o mundo externo à mente da criança, uma confrontação com a alteridade do mundo externo, um reflexo dele mesmo em mim, no mundo”.

Assim, concluo que a construção da subjetividade do bebê, nas observações *online*, tomou forma no espaço potencial das observações entre mim, a mãe e o bebê. Parafraseio Winnicott dizendo que me surpreendi, surpreendi a nós mesmos; fomos criativos e descobri que podemos confiar na nossa inesperada originalidade. E, segundo seu raciocínio, “é sendo criativo, ou melhor, é através do brincar criativo que é possível lançar um olhar novo sobre o mundo, que é possível ter a ilusão de que se tem “a capacidade de criar o mundo” (Winnicott, 1968/1975a, p. 65). Por isso, diante do que foi exposto, finalizo dizendo que acredito sim na viabilidade da observação de bebês por meio digital.

Agradecimentos a Ester Litvin, pela supervisão na observação de bebês ao longo dos dois anos; e a Inta Muller, pela orientação deste trabalho de conclusão do curso de especialização do CEAPIA.

Referências

- Aryan, A., Briseño, A., Carlino, R., Estrada, T., Gaitán, A., & Manguel, L. (2015). Psicanálise à distância. Um encontro além do espaço e do tempo. *Calibán: Revista Latino-Americana de Psicanálise*, 13(2), 60-75.

- Azevedo, E. C. (2020). *O uso de mídias digitais por bebês e suas mães: olho no olho X olho na tela*. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Barak, A., Hen, L., Boniel-Nissim, M., & Shapira, N. (2008). A comprehensive review and a meta-analysis of the effectiveness of internet-based psychotherapeutic interventions. *Journal of Technology in Human Services*, 26(2/4), 109-160. doi: 10.1080/15228830802094429
- Chauí M. (1998). Ética e violência. *Teoria e Debate*. Recuperado de <http://www.fpabramo.org.br/o-que-fazemos-editora/teoria-e-debate/edições-anteriores/ensaio-ética-e-violência>
- Evans, G. W., & Wachs, T. D. (2010). *Chaos and its influence on children's development: an ecological perspective*. Washington: American Psychological Association.
- Eisenstein, E., Pfeiffer, L., Gama, M. C., Estefenon, S., & Cavalcanti, S. S. (2019). Menos telas, mais saúde. Manual de orientação: grupo de trabalho Saúde da Era Digital (2019-2021). Sociedade Brasileira de Pediatria. Recuperado de: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246c-ManOrient_-
- Gelso, C. J., & Carter, J. A. (1985). The relationship in counseling and psychotherapy: components, consequences, and theoretical antecedents. *The Counseling Psychologist*, 13(2), 155-243. doi: 10.1177/0011000085132001
- Guerra, V. (2017). O ritmo, a musicalidade comunicativa e a lei materna na artesanaria da subjetivação humana. *Publicação CEAPIA*, 26, 8-21.
- Godleski, L., Nieves, E., Darkins, A., & Lehmann, L. (2008). VA telemental health: suicide assessment. *Behavioral Sciences and the Law*, 26, 271-286. doi: 10.1002/bsl.811
- Harris, M. (2013). A contribuição da observação da interação mãe-bebê e de seu desenvolvimento da formação do psicanalista ou psicoterapeuta analítico. In: C. Silva, E. Salvagni, & I. Martini. *A Observação de Bebês: tecendo vínculos pelo olhar, pela escuta e pela escritura*. *Psicanálise*, 15(1), 95-109.
- Horvath, A. O., Del Re, A. C., Flückiger, C., & Symonds, D. (2011). Alliance in individual psychotherapy. *Psychotherapy: Theory, Research, Practice, Training*, 48(1), 9-16. doi: 10.1037/a0022186
- Litvin, E. (2013). A importância das primeiras interações mãe-bebê para o desenvolvimento e psicopatologia ulteriores – uma contribuição. *Psicanálise*, 15(1), 61-82.
- Lisondo, A., Spessoto, L. B., & Mattos, L. T. L. (2012). O método de observação de bebês de Esther Bick e seu potencial diagnóstico através da comparação de dois casos observados. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 19(3), 543-563.
- Mallmann, M. Y. (2019). *As novas tecnologias e seu uso pelos bebês: o que as mães pensam sobre essa nova realidade?* Dissertação (Mestrado em Psicologia), Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Mitchell, J. E., Meyers, T., Swan-Kremeier, L., & Wonderlich, S. (2003). Psychotherapy for bulimia nervosa delivered via telemedicine. *European Eating Disorders Review*, 11(3), 222- 230. doi: 10.1002/erv.517
- Ogden, T. H. (1996). *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Oliveira-Menegotto, L. M. D., Lopes, R. D. C. S., & Caron, N. A. (2010). O método Bick de observação da relação mãe-bebê: aspectos clínicos. *Psicologia Clínica*, 22, 39-55.
- Pieta, M. A. M., Gomes, W. B. (2014). Psicoterapia pela internet: viável ou inviável? *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34, 18-31.

- Proudfoot, J., Klein, B., Barak, A., Carlbring, P., Cuijpers, P., Lange, A., Ritterband, L., & Andersson, G. (2011). Establishing guidelines for executing and reporting internet intervention research. *Cognitive Behaviour Therapy*, 40(2), 82-97. doi: <http://dx.doi.org/10.1080/16506073.2011.573807>
- Scharff, J.S. (2012). Clinical issues in analyses over the telephone and the internet. *The International Journal of Psychoanalysis*, 93 (1), 81-95.
- Shonkoff, J. P., Garner, A. S., Siegel, B. S., Dobbins, M. I., Earls, M. F., McGuinn, L., & Wood, D. L. (2012). The lifelong effects of early childhood adversity and toxic stress. *Pediatrics*, 129(1), 232-246. doi: <http://dx.doi.org/10.1542/peds.2011-2663>
- Winnicott, D. W. (1975a). O brincar: uma exposição teórica. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (pp. 65-87). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1968)
- Winnicott, D. W. (1975b). O lugar em que vivemos. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (pp. 165-174). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971)
- Winnicott, D. W. (2000). A preocupação materna primária. In: D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 399-405). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1956)